

A escrita como superação da violência contra as mulheres

The writing as overcoming violence against women

Gabriela Fonseca Tofanelo¹

Resumo: A temática das violências contra as mulheres tem se mostrado recorrente na literatura contemporânea, sobretudo a de autoria feminina. O intuito deste artigo é o de analisar o fundamental papel que a escrita possui na superação das violências em três romances de autoras contemporâneas, a saber: *Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim* (2003), de Nilza Rezende; *Eu me possuo* (2016), de Stella Florence e *Mulheres Empilhadas* (2019), de Patrícia Melo. Para isso, o aporte teórico contará com autoras da Crítica Literária Feminista, a saber Lúcia Zolin (2021), Elódia Xavier (2021), Margareth Rago (2013), Jacilene Silva (2019), entre outras.

Palavras-chave: Literatura de autoria feminina. Violência contra a mulher. Escrita.

Abstract: The theme of violence against women has been recurrent in contemporary literature, especially that written by women. The purpose of this article is to analyze the fundamental role that writing plays in overcoming violence in three novels by contemporary authors: *Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim* (2003), by Nilza Rezende; *Eu me possuo* (2016), by Stella Florence and *Mulheres Empilhadas* (2019), by Patrícia Melo. To this end, the theoretical contribution will feature authors from Feminist Literary Criticism, namely Lúcia Zolin (2021), Elódia Xavier (2021), Margareth Rago (2013), Jacilene Silva (2019), among others.

Keywords: Literature by women. Violence against women. Writing.

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora colaboradora na mesma instituição. E-mail: gabriela.tofanelo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0254-6552>.

*Artigo recebido em 27 de junho de 2024 e aceito para publicação em 25 de setembro de 2024.



Para iniciar

Tatiana Salem Levy, Conceição Evaristo, Leticia Wierzchowski, Adriana Lisboa, Sheila Smanioto, Aline Bei, Martha Batalha, Angélica Lopes e Jarid Arraes são algumas escritoras que se debruçaram em um ou mais livros na temática que consiste, provavelmente, o maior desafio do Feminismo Contemporâneo: a persistente violência contra as mulheres que atinge o nosso país em níveis epidêmicos.

Em um país que uma mulher ou menina é estuprada a cada dez minutos; três mulheres são vítimas de feminicídio por dia e 26 mulheres sofrem agressão física por hora é urgente discutir violência contra a mulher². E a literatura, sendo um local de representações da realidade, não deixaria uma temática tão necessária de lado.

Em “Elas escrevem sobre o quê?: temáticas do romance brasileiro contemporâneo de autoria feminina” (2021), Lúcia Zolin analisa principais temáticas dos romances contemporâneos escritos por mulheres, encontradas a partir de sua pesquisa intitulada “Literatura de autoria feminina brasileira contemporânea: escolhas inclusivas?”, realizada na Universidade Estadual de Maringá, a qual analisou aspectos diversos de 151 romances publicados entre 2000 a 2015 em três das grandes editoras do país, Record, Rocco e Companhia das Letras.

Zolin (2021, p. 28) chama a atenção para o fato de que há mudanças significativas em relação às temáticas da literatura de autoria feminina. Se no seu início, no século XIX, havia a reduplicação dos valores patriarcais e nos meados do século XX há o tom de problematização das relações de gênero, a partir da entrada no terceiro milênio ocorre uma virada nos discursos das escritoras brasileiras: “Elas tomam posse do direito de falar a respeito de tudo, inclusive de violências”.

Além disso, é frequente vermos figurar nos romances do século XXI Mulheres que são sujeitos da representação, reagindo contra arbitrariedades desferidas sobre si ou sobre os seus (Zolin, 21, p. 33). E o importante é perceber que um tema tão delicado quanto este não é tratado de forma banal ou normalizada, mas sim com muita responsabilidade por parte das escritoras brasileiras, sendo responsáveis por grandes denúncias, capazes de promover o empoderamento feminino.

É o que acontece nos romances *Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim* (2003), de Nilza Rezende; *Eu me possuo* (2016), de Stella Florence

² Dados da Agência Patrícia Galvão. Disponível em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados>. Acesso em 24 de junho de 2024.



e *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo. Nos três romances mencionados, cada protagonista irá sofrer um diferente tipo de violência contra a mulher, todas elas marcadas pela perda das próprias subjetividades.

Em *Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim* (2003), de Nilza Rezende, a protagonista Lila sofre sucessivas violências psicológicas por parte do marido, após ela descobrir seu adultério. O marido, Raul, vale-se de mecanismos de manipulação para tentar desqualificá-la, chamando-a de louca por diversas vezes durante a narrativa, quase ao ponto dela mesma acreditar na sua inocência como podemos ver no excerto a seguir: “você é louca, você confunde tudo [...] você insiste, inventa, exagera, louca descontrolada [...] coisa de quem não tem o que pensar” (Rezende, 2003, p. 41).

Já a protagonista de Stella Florence, Karina, de *Eu me possuo* (2016), sofreu violência sexual em uma relação com o próprio namorado. A in experiência na época e a percepção do modo como a sociedade frequentemente trata as mulheres vítimas de estupro faz com que ela fique em silêncio por seis anos, até tomar consciência do que realmente aconteceu:

Eu me senti suja, me senti culpada, me senti inferior, me senti até ruim de cama: carreguei por muito tempo acusações que serviam para você, não para mim. Minha falta de experiência me fez acreditar que a culpa era minha, que eu apertei algum botão maldito em você e que talvez sexo fosse aquele horror mesmo (Florence, 2016, p. 165).

E, por fim, *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, romance que mescla realidade e ficção ao relatar casos de feminicídios que ocorreram no estado do Acre e dos quais a protagonista está acompanhando os julgamentos. Tal qual na sociedade, esse romance revela a impunidade presente na sociedade e a forma como a mídia expõe as vítimas:

Nós, mulheres, morremos como moscas. Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam. Querem diversão e nos matam [...] São abandonados e nos matam. Arranjam uma amante e nos matam. São humilhados e nos matam. Voltam do trabalho cansados e nos matam. E no tribunal, dizem que a culpa é nossa (Melo, 2019, p. 72).

Após apresentar brevemente o cenário das violências sofridas pelas protagonistas do corpus literário, iremos para o principal objetivo deste artigo, que consiste em analisar as estratégias de subjetivação e de superação dessas violências utilizadas pelas escritoras, como veremos na seção a seguir.



"Agora posso fazer a minha história": A possibilidade de narrar

Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim (2003), de Nilza Rezende, narra a trajetória de Lila, personagem que permite vislumbrar o conceito da transformação da mulher-objeto à mulher-sujeito, com sua ascensão rumo à construção de si, que só foi possível com uma tomada de consciência gradual.

Inicialmente, Lila encontrava-se enredada nos valores da sociedade patriarcal, em que a identidade da mulher era voltada para o casamento e para o cuidado com o marido e com os filhos. O fato de, no começo do livro, evidenciar o marido como o protagonista daquela história, demonstra o papel que ele exercia em todos os âmbitos da sua vida: "Aquele homem era tudo na vida dela" (Rezende, 2003, p. 12). Fica visível, nesse início, que a sua dependência financeira se tornava também emocional, ao ponto de não enxergar certas violências que ali já estavam instauradas.

Assim, pode-se compreender o romance pensando em uma representação das transformações nas identidades da personagem e, de certo modo, da mulher contemporânea em geral. As violências sofridas após a descoberta da traição, embora desgastantes e abusivas, abrem-lhe espaço para uma transformação que a colocará em perspectiva de se redescobrir.

O livro aparentemente é estruturado, como já mencionado, como se fosse narrado por um narrador heterodiegético, cuja focalização recai sobre Lila, mulher traída que passa por uma sequência de violências e humilhações por parte do marido, nomeado como protagonista em diversos momentos por esse suposto narrador. A guinada da história se dá quando ela, motivada pela traição do marido, confessa estar por detrás dos fatos até então narrados, promovendo a inversão dos papéis: "Agora posso fazer a minha história, porque essa já deu tudo o que tinha que dar, já me machucou e já me salvou [...] definitivamente essa história já me basta, já me dei todas as provas do que sou capaz, nunca mais serei a mesma" (Rezende, 2003, p. 83). Ao revelar-se narradora do romance, confessa que forjou um narrador heterodiegético, numa estratégia de quem não se sentia protagonista da própria vida, não sendo capaz de narrar, de tão paralisada que estava face às imposições sociais e violências sofridas.

A trajetória final de Lila pode ser analisada como uma reescritura de sua própria vida, marcada pela transformação de uma mulher-para-o-outro em uma mulher-para-ela-mesma, na terminologia de Touraine (2007). O autor explica que as mulheres, por muito tempo, foram submetidas a serem para o homem: "escolhi ser coadjuvante com medo de me revelar [...] escondida na figura do narrador impessoal, aquele que não se coloca, aquele que não se assume, que só conta a história dos outros". A trajetória de Lila



pode ser analisada como a encenação desse processo descrito pelo sociólogo francês, na medida em que também ela, a exemplo da história das mulheres por ele sistematizada, transita de uma condição que a inscreve como sendo um ser-para-o-outro, a uma outra em que sua subjetividade reclama um espaço legítimo, no de sua própria vida: “Essa história é minha [...] e posso dizer estou salva” (Rezende, 2003, p. 93, 94).

Trata-se de assumir-se não só a protagonista do romance, mas também de sua própria vida. Ao abordar o uso do termo *escritas de si*, Rago (2013, p. 52) salienta que tais práticas discursivas implicam “assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade”. No romance, a escrita de si aponta para a conquista do direito primordial de a protagonista escrever sua própria história, quebrando as estruturas do poder masculino e subvertendo a lógica da sujeição feminina aos padrões patriarcais.

Na estratégia narrativa de Rezende, a possibilidade de narrar, inicialmente escondido por trás da voz do outro, ao ser explicitado, redimensiona também esteticamente o significado do direito à expressão em um contexto marcado pela opressão. A prática da escrita para Lila surge como um instrumento de ressignificação do seu passado e reinvenção de uma nova possibilidade de existência, como afirma na frase final de sua narrativa: “protagonista de uma nova história. Da minha história [...] É possível ser amada e reamada” (Rezende, 2003, p. 95).

“Saber foi a minha libertação”: a escrita como forma de grito

Eu me possuo (2016), de Stella Florence, retrata a trajetória de Karina, marcada pelos traumas psicológicos do estupro experienciado quando da sua primeira relação sexual. Justamente por ter sofrido a violência pelo próprio namorado, demora a entendê-la como tal e leva mais de seis anos para conversar sobre o que aconteceu com alguém.

Touraine constata que muitas vezes “é através da sexualidade que se realiza este esforço de construção” (2007, p. 24), em que as mulheres colocam como meta principal a construção de si enquanto sujeitos livres que merecem sentir desejos, por isso Karina, ao permitir-se conhecer novas pessoas “determinou que nunca mais ela sentiria vergonha, que ela sempre transbordaria de sua pele, de seus contornos e que todos os homens que a tocassem sentiriam o quanto é estupidamente excitante estar com uma mulher que se sente livre” (Florence, 2006, p. 63).



O fato de ter passado por seis anos de silenciamento sobre a violência que sofrera e também esse mesmo tempo fugindo de outros relacionamentos faz com que o discurso da liberdade sexual da Karina, (re)construída em meio ao trauma do estupro, seja central para a sua subjetivação, fazendo emergir uma mulher liberta dos padrões de feminilidades que são impostos ao (re)descobrir sua sexualidade, permitindo-se viver diversos relacionamentos: “Feliz com as noites com Thiago, feliz por se sentir mais mulher, ou finalmente mulher, ou de fato mulher. Seria machismo isso? Sentir-se mulher apenas depois de uma sequência de experiências sexuais indiscutíveis?” (Florence, 2016, p. 54).

Elódia Xavier, ao entender que a corporalidade é algo social e político essencial às lutas feministas, faz um levantamento da representação dos corpos femininos na história da literatura de autoria feminina desde o início do século XX até o início do século XXI no livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*, publicado pela primeira vez em 2007, mas que ganhou nova edição ampliada em 2021. A autora criou uma tipologia com onze representações de corpos femininos na literatura: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo envelhecido, corpo imobilizado, corpo refletido, corpo violento, corpo degradado, corpo erotizado, corpo liberado e corpo caluniado, sendo este último acrescentado na nova edição.

Podemos analisar o processo de autoconhecimento de Karina mediante o corpo liberado descrito por Xavier: “mulheres que passam a ser sujeitos da própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento” (Xavier, 2021, p. 185). O corpo liberado revela a liberdade de escolha, respaldada pelo amadurecimento, pela longa e dura aprendizagem, ainda que com o grande trauma de ter vivido uma relação abusiva.

Assim, é notório que no momento que Gustavo Jota, o agressor e ex-namorado de Karina, começa a frequentar seu bar, ela já havia superado, portanto, essa questão em relação à sua própria sexualidade, permitindo-se conhecer o sexo de verdade e não a experiência de violência que tivera: “sexo não era aquilo e que aquela experiência não poderia me definir o resto de minha vida” (Florence, 2016, p. 165).

No entanto, é determinante para a libertação de Karina, de fato, o momento estratégico em que possui voz na narrativa. Primeiramente, ela recebe um e-mail de seu agressor, depois de lhe negar contato em seu bar: “Preciso dizer que naquela noite em que você foi a minha casa, minhas reações foram de fato rudes e egoístas, mas eu não estuprorei você. Talvez você tenha pensado isso por ser a sua primeira vez” (Florence, 2016, p. 156). Tal e-mail abre a possibilidade do debate: então ele achava que não tinha a violentado?



Se antes não queria conversa com seu agressor, toma a voz na narrativa e responde o seu e-mail, numa prática de escrita que retoma sua subjetividade perdida. “Talvez essa desculpa fosse aceita por uma mulher sem qualquer experiência sexual como eu era, mas esse não é mais o meu caso. O que aconteceu naquela noite não foi um sexo normal, natural, desejado, gostoso [...] Minha falta de experiência me fez acreditar que a culpa era minha, que eu apertei algum maldito botão em você e que talvez sexo fosse aquele horror mesmo. Por isso eu me mantive em silêncio, mas meu corpo gritava [...] e pelos seis anos seguintes eu me mantive trancada” (Florence, 2016, p. 164-165).

Além de demonstrar a sua libertação ao expor tudo que sente, Karina também dá uma espécie de resposta feminista às arbitrariedades masculinas em relação aos corpos femininos na esperança de que sirva de alerta:

A única reparação que me interessa é você jamais fazer com outra pessoa o que fez comigo [...]. Sim, eu acredito que você tenha salvação: você se sente culpado, é indício de que tem sentimentos morais. Eu desejo, portanto, que nossa conversa sirva para que você se torne o homem que gostaria de ser. Se você conseguir se tornar esse homem, Gustavo, estará perdoado (Florence, 2016, p. 164, 166).

O texto enviado por e-mail, embora a princípio pareça corriqueiro, assume importância crucial na economia da narrativa. Simboliza a subjetivação da protagonista, na medida em que remete a um “eu” cujos contornos até então apareciam borrados pela presença esmagadora das arbitrariedades do relacionamento abusivo e demonstram a importância na sua superação, como se pode observar em mais um fragmento:

Embora eu já estivesse livre, posso dizer que foi bom conversar com você, é bom escrever esta carta. Se você tivesse morrido ou sumido de vez, eu deveria te escrever do mesmo modo. Depois plastificar o papel e plantar a carta sob uma pedra robusta numa boa mata e nessa pedra eu entalharia o meu vitorioso nome. Aos sobreviventes, todas as honras (Florence, 2006, p. 166).

Karina viveu presa por muito tempo ao trauma vivenciado pelo estupro, tal qual o pássaro, mas finalmente a história traz um final de libertação que também lhe demonstra diversas possibilidades em sua vida, em suas trajetórias e identidades móveis, como menciona ao final da narrativa: “Karina não tinha a menor pressa. Ela se decidiria no caminho” (Florence, 2006, p. 182).



"Foi ali que parei de morrer": O papel da internet no combate à violência

São muitas as violências sofridas pela protagonista não nomeada de *Mulheres Empilhadas* (2019), de Patrícia Melo. Logo no início do livro, ela sofre uma agressão física do então namorado, que a persegue e expõe na internet. Além disso, quando ainda era criança, seu pai assassinou a sua mãe. E grande parte da narrativa será em torno de diversos casos de feminicídio que ela está encarregada de acompanhar no Acre pelo escritório de advocacia em que trabalha em São Paulo.

Em certo momento da narrativa, a pesquisar no google o termo "Morta pelo" O resultado é devastador, como exemplifica o excerto:

Tecla "Morta pelo..." no google e veja o resultado
Mais tarde conferi:
"Morta pelo"
Morta pelo namorado
Morta pelo marido
Morta pelo ex
Morta pelo companheiro
Morta pelo pai
Morta pelo sogro (Melo, 2019, p. 74).

Se pesquisarmos pelo viés masculino, "Morto pelo", no mesmo buscador os resultados são mais no sentido de: tráfico, amigo, fã, covid, polícia, entre outros. Este dado deixa em evidência a importância de se especificar sim o termo feminicídio, ou seja, assassinatos de mulheres motivadas pelo suposto direito masculino sobre os corpos femininos.

Desta forma, vislumbra-se os primeiros indícios de que a protagonista vai se valer do grande potencial da internet para denunciar práticas de violência contra mulheres. Melo cria, desse modo, uma narrativa ficcional, deixando visível interesse em denunciar o fato de histórias como essas serem muito frequentes no dia a dia de muitas mulheres no país.

Muitas foram as mudanças e conquistas alcançadas pelos Feminismos, entendidos aqui dentro da acepção de Hildete de Melo e Débora Thomé (2018, p. 19), em *Mulheres e poder: história, ideias e indicadores*: "conjuntos de movimentos políticos, sociais, filosóficos que almejam a construção de direitos iguais por meio do fortalecimento das mulheres e libertação dessas da opressão masculina lastreadas pelas normas das relações de gênero".

Geralmente estudado ao longo de três grandes ondas, que remetem a demandas específicas de cada época, o feminismo, hoje declinado quase sempre no plural – os feminismos – em virtude das múltiplas frentes de



ação, têm promovido importantes debates acerca do feminicídio e outras violências de gênero. Para alguns estudiosos/as, ainda vivemos a terceira onda feminista, outros/as, porém, já vislumbram mudanças desde 2012, sobretudo devido à popularização da internet, mais especificamente, com o uso das redes sociais. Jocilene Silva, em *Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda* (2019), defende o surgimento de uma quarta onda, marcada, justamente, pelo uso maciço das redes sociais para organização e propagação dos ideais feministas, a fim de contestar a misoginia, o sexismo, a LGBTfobia e outros tipos de desigualdades baseadas no gênero.

O espaço internet, sobretudo das redes sociais, é primordial dessa possível nova onda, responsável por divulgar instantaneamente e ligar pessoas do mundo todo de uma forma sem precedentes na história. Cristiane Costa, no ensaio “Rede” para o livro *Explosão feminista* (2018), de organização de Heloísa Buarque de Hollanda afirma que

Ainda que a força das redes não possa ser atribuída integralmente às redes sociais, a web sem dúvida foi um fator estratégico e central das marchas feministas. Nunca as táticas e a militância das mulheres foram tão potencializadas e produziram reações e alianças na escala que se vê hoje (Costa, 2018, p. 43).

O uso de Hashtags, como #MeToo, #MeuPrimeiroAssedio, #NemumaaMenos, #MeuAmigoSecreto e #Exposed, é um exemplo do que a voz, por tanto tempo negada, das mulheres pode fazer, pois essas hashtags foram responsáveis por uma grande comoção mundial e/ou nacional que obrigaram entidades e governos a repensar algumas atitudes.

Esse papel da internet também é fundamental no livro *Mulheres empilhadas* (2019). Isso porque ao sofrer uma agressão física do então namorado Amir, a protagonista não nomeada já corta qualquer relação com ele. No entanto, ferido em seu orgulho que advém de uma cultura patriarcal, Amir não se satisfaz com os diversos “nãos” da parceira, resolvendo enviar vídeos íntimos do casal (todos feitos sem o devido consentimento dela) ao escritório onde ela trabalha como forma de desmoralizá-la profissionalmente. Para completar, também os publica em sites de pornografia com a divulgação do número do celular dela. É revelador o momento em que a protagonista cria um site, o *mulheresempilhadas.com*:

Não sei se foi ali que parei de morrer. Mas foi ali, enquanto ajudava as mulheres da aldeia a coletar mel na floresta que decidi transformar o meu caderno de mulheres empilhadas em *mulheresempilhadas.com*., uma página pública online, com uma descrição dos



fatos, meu ex-namorado durante meses filmou nosso sexo sem eu saber [...] eu mesma disponibilizaria as imagens que ele já liberara online, anonimamente, o mesmo material pornográfico, só que ali, na minha página pessoal [...] aquilo seria o contrário, seria uma vacina, eu usaria o vírus de Amir para me inocular da doença do Amir. Minha página seria um ataque primoroso, uma guerra exemplar, um modelo de assassinato virtual de ex-namorado, um projeto que eu não estragaria de jeito nenhum (Melo, 2019, p. 164).

O trecho registra o momento em que ela vislumbra a ideia de criar o site, inicialmente para restabelecer o seu meio profissional após o ataque virtual de Amir: “Quando surgiu a ideia, minha intenção era apenas restabelecer a verdade no meu círculo profissional, contar para meus amigos e conhecidos o que Amir fez comigo ao nos filmar em momentos de intimidade” (Melo, 2019, p. 235). Para além desse propósito pessoal, o site acaba tomando outros rumos, isto é, ela percebe a possibilidade de expor ao mundo a história da matança autorizada que se deparou no Acre e a forma de julgamento destes crimes no tribunal.

Todo esse processo é fundamental na (re)construção de sua subjetividade e autoconhecimento pois, além de serviço social prestado à causa feminista, o meio tecnológico de comunicação lhe deu coragem de relatar, pela primeira vez, sua experiência pessoal de violência de gênero, pois vivenciar de perto os julgamentos dos assassinatos de mulheres reabre nela a grande ferida do feminicídio: sua mãe fora assassinada pelo próprio pai. Inicialmente, a narradora revela o quanto a morte da mãe abalou profundamente sua vida de tal forma que ela escolheu, durante muito tempo, se silenciar em relação a isso. No entanto, as diversas situações com as quais começou a ter de lidar no trabalho, envolvendo violências contra mulheres mudaram seu modo de ver as coisas, fazendo com que ela perceba a importância de usar sua história como forma de denúncia.

No ensaio “Escrita de si”, para o livro *Ética, sexualidade, política* (2004), Foucault aborda a necessidade de escrever para a constituição da subjetividade. Para o autor, mais do que falar ao outro, escrever é uma “maneira de se manifestar para si mesmo [...]” (p. 155). Isso significa que o site criado pela protagonista é, ao mesmo tempo, um modo de expor as violências com objetivo de denunciar e alertar outras mulheres, mas também um olhar sobre si mesma, que permitiu a ela certa libertação após anos escondendo de todos o seu trágico passado familiar.

Além disso, é notável o que o pesquisador Carlos Gomes denominou de “texto fronteiro” ao analisar, justamente, *Mulheres empilhadas*: um tex-



to que une o real e o ficcional, simultaneamente, para fins de engajamento e de denúncia, mas sem deixar de lado a questão estética do romance. Assim, define também uma nova estratégia da violência estrutural contra as mulheres. (Gomes, 2024).

Ao se associar ao uso das tecnologias contemporâneas, a possibilidade da escrita ganha novas dimensões com a ascensão da internet e a rápida disseminação das informações: “Uma jornalista, amiga minha, viu meu site e escreveu sobre ele, e de repente um montão de gente começou a acessá-lo. Naquela tarde mesmo uma outra repórter que trabalha numa grande emissora de tevê, havia me telefonado para falar sobre Mulheresempilhadas.com” (Melo, 2019, p. 235).

Na trajetória da protagonista, a noção de sororidade assume importância capital. O blog acaba por aproximar mulheres que em alguma medida se sentem afetadas pela dor de “irmãs” no gênero em que partilham. Na cena em que a sua encarregada no escritório de São Paulo liga para contar-lhe que Amir lhe enviou fotos e filmagens de sua intimidade: “acho que foi naquele telefonema que descobri o que era sororidade” (Melo, 2018, p.). Sororidade nada mais é que do que a união entre as mulheres. Segundo Babi Souza, em *Vamos juntas: o guia da sororidade para todas* (2016), o termo tem origem do latim, em que *soror* significa irmã, ou seja, o conceito traz a ideia de que as mulheres deveriam se unir como se fossem irmãs em prol de causas comuns. Trata-se de uma versão feminista da palavra fraternidade, na qual o prefixo *frater*, também do latim, significa irmão. A ideia da sororidade é quebrar mais uma barreira patriarcal que sempre ensinou mulheres a se tratarem como rivais.

Dessa forma, ela transforma a narrativa e deixa de ser apenas a menina cujo pai assassinou a mãe para se tornar a mulher que ajuda outras mulheres a verem os primeiros sinais de relacionamentos abusivos e a se livrarem deles, tomando a escrita, aliada ao potencial articulador da internet, como uma arma poderosa, capaz de reforçar a luta contra os diversos tipos de violências contra as mulheres, pauta urgente dos Feminismos Contemporâneos.

Considerações

A temática da escrita, juntamente com a das violências, descolamentos, ressignificações familiares, entre outras, também foi sinalizada por Zolin (2021) como uma das recorrentes nos romances escritos por mulheres na já referida pesquisa da autora. As protagonistas analisadas passam por “uma espécie de estratégia, consciente ou casual, de subjetivação” (Zolin, 2021,



p. 34), a qual se dá por meio do exercício da escrita, e, conseqüentemente, podemos dizer que alcançam certo patamar de superação das violências sofridas, desde aquelas mais corriqueiras, normalizadas pelo sistema patriarcal que tomam as mulheres como seres objetificados, sem vontade própria, até as mais explícitas, materializadas em abusos, agressões e em feminicídios.

As trajetórias das personagens, num certo sentido, remetem ao percurso das próprias escritoras brasileiras que tiveram o direito de narrar negado por tanto tempo, mas que, quando o conquistam, subvertem valores e ideologias tradicionais por meio de representações femininas que diferem fundamentalmente daquelas que povoam o cânone literário.

Elas tomam a palavra e nomeiam, dentre outras arbitrariedades, aquelas relativas às violências contra as mulheres; quebram o silêncio, denunciam as violências ao mesmo tempo em que se constituem como sujeitos de suas histórias, demonstrando que as mulheres, sejam na literatura ou na realidade, não se calarão mais diante das violências e opressões.

Referências

COSTA, Cristiane, Rede. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FLORENCE, Stella. **Eu me possuo**. São Paulo: Panda Books, 2016.

FOUCAULT, Michel. Escrita de si, In: *Ética, sexualidade e política*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GOMES, Carlos Magno. A autópsia do feminicídio na ficção de Marina Colasanti e Patrícia Melo. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 37, p. 9-23, 2022. e endereço Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/830>. Acesso em: 9 jul. 2024.

MELO, Fildete Pereira de; THOMÉ, Débora. **Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

REZENDE, Nilza. **Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda**. Recife: Publicação independente, 2019.



SOUZA, Babi. **Vamos juntas**: o guia de sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

ZOLIN, Lúcia Osana. Elas escrevem sobre o quê?: temáticas do romance brasileiro contemporâneo de autoria feminina. **Interdisciplinar – Revista de Estudos de Língua e Literatura**, São Cristóvão, UFS, vol. 35, n. 1, p. 13-40, jan./jun. 2021a.

